UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

DESIREE DE MELO ARAUJO CALVIS

Análise da Gestão do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília MAH/UnB (2015-2020)

BRASÍLIA, DF

2021

Desiree de Melo Araújo Calvis

Análise da Gestão do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB (2015-2020)

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Museologia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Andréa Considera.

Universidade de Brasília

FOLHA DE APROVAÇÃO

Análise da Gestão do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília MAH/UnB (2015-2020)

Aluno: Desiree de Melo Araújo Calvis

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banca Examinadora:

Aprovada por:

Andréa Fernandes Considera - Orientadora

Professora da Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em História - UnB

Ana Lúcia de Abreu Gomes - Membro

Professora da Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em História Cultural - UnB

Elizângela Carrijo - Membro

Professora da Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em Comunicação - UnB

Em 18/05/2021.

Documento assinado eletronicamente por **Andréa Fernandes Considera**, **Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 28/05/2021, às 19:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes**, **Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 04/06/2021, às 21:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

Documento assinado eletronicamente por **Elizângela Carrijo**, **Coordenador(a) da Coordenação do Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação**, em 16/06/2021, às 13:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6684257** e o código CRC **18C02EC5**.

Referência: Processo nº 23106.055133/2021-73 SEI nº 6684257

Agradecimentos

Agradeço ao meu pai, que sempre foi um grande incentivador e nunca me deixou desistir. Te amo infinito.

Agradeço ao Sebastian, meu gato guerreiro.

Agradeço a Vênus, obrigada por tanta fidelidade.

Agradeço ao meu irmão, que é um grande braço direito, amigo para todas as horas.

Agradeço minha vó, que todos os dias me mostra que o mundo é difícil mas a vida sempre vale a pena.

Agradeço a minhas querida amigas Giovanna Calvoso e a tia Lála (*in memorian*), que sempre puxaram meu pé para continuar estudando, muito obrigada.

Agradeço a Carolina Ferraz, amiga que trilhou o caminho da universidade junto comigo e que com certeza transformou meus dias nessa universidade com toda sua alegria de viver. A menina do sorriso fácil.

Agradeço à minha amiga Ana Laura, que é um porto seguro de acolhimento. Obrigada por tudo.

Agradeço ao Marco Emílio, que esteve do meu lado o tempo todo e sempre me fez acreditar que eu conseguia, muito obrigada.

Agradeço a minha progenitora, da qual me ensinou que a vida tem caminhos difíceis.

Agradeço Mariana, por toda assistência e compreensão que foram imprescindíveis para conclusão deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho vai fazer uma análise da gestão do Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília - MAH/UnB, entre os anos de 2015-2020. Através do histórico da instituição, análise do tratamento do acervo, relato de funcionários e ex-funcionários, a autora pretende verificar como o trabalho técnico do profissional de museu proporciona mudanças ao ambiente museológico.

Palavras-chave: Museu. Gestão. Acervo. Museu de Anatomia Humana.

Abstract

The following work will presents an analysis of the management of the Museum of Human Anatomy of the University of Brasilia - MAH / UnB (Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília MAH - UnB), between the years 2015-2020. Through the history of the institution, analysis of the treatment of the collection, reports from employees and former employees, the author intends to verify how the technical work of the museum professional provides changes to the museum environment

Keywords: Museum. Management. Collection. Museu de Anatomia Humana

Lista de Figuras

FIGURA 1 – EXPOSIÇÃO MAH 2015 ..... PAG 36

FIGURA 2 – EXPOSIÇÃO MAH 2016 ..... PAG 37

FIGURA 3 – EXPOSIÇÃO MAH 2019 ..... PAG 38

FIGURA 4 – POSTER EXPOSIÇÃO MAH..... ....PAG 40

Lista de Abreviaturas e Siglas

AC – Anatomia da Criança

CBMDF – Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal

CNM – Cadastro Nacional de Museus

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

DEMU – Departamento de Museus e Centros Culturais

DEX/UnB - Decanato de Extensão da UnB

EPC – Equipamento de Proteção Coletiva

EPI – Equipamento de Proteção Individual

FE – Fetos Normais e com Malformação Congênitas

FM – Faculdade de Medicina

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – International Council of Museum

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MAH – Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina

MEC - Ministério da Educação e Cultura

MOR – Área de Morfologia

NMFM/UnB - Núcleo de Memórias da Faculdade de Medicina

OS – Organização Social

OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

PEAC - Programas de Extensão e Ação Contínua

PPA – Plano Plurianual

Reuni - Reestruturação das Universidades

SA – Sistema Articular

SCV – Sistema Cardiovascular

SD – Sistema Digestório

SE – Sistema Esquelético

SG – Sistema Genital Feminino e Masculino

SM – Sistema Muscular

SN – Sistema Nervoso

SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SR – Sistema Respiratório

SU – Sistema Urinário

UnB – Universidade de Brasília

Sumário

Capítulo 1. Surgimento dos museus: desde o santuário grego a acervos com diagnóstico museológico **15**

Capítulo 2: A história da Universidade de Brasília, até o nascimento do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB **23**

Capítulo 3: Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB. Estudo de caso da gestão entre os anos de 2015 a 2020 **31**

Referências: **46**

Apêndices: **50**

Apresentação

Durante o Ensino Médio conheci o curso de Museologia através de uma amiga e ingressei na Universidade de Brasília no vestibular tradicional no primeiro semestre de 2013.

Quando ingressei não conhecia a área, não sabia o que esperar e nem mesmo havia perspectiva sobre o mercado de trabalho. No decorrer do curso, aprendi a origem da instituição "museu" e em seguida entendi o museu como um processo/local não de guarda de objetos, mas principalmente de disseminação da informação, local de pesquisa, interação social e nascimento e desenvolvimento do pensamento crítico.

Museologia 2 e Museologia 3 são disciplinas nas quais aprendi o alcance social que a área tem. Os resultados a partir do ensino informal são incríveis, a riqueza que pode vir a partir do incentivo às pessoas a pensar sobre o mundo em que está inserido. O museu também expande horizontes e dá ao visitante a oportunidade de conhecer um mundo totalmente novo, culturas distintas, formas de viver o cotidiano que poderão dar uma perspectiva completamente diferente da própria realidade individual.

Ao entender o museu como local de comunicação compreendi as matérias de museologia e comunicação como grande aprendizado sobre a necessidade de entender o uso social do museu e assim utilizar a gestão museal para maximizar a difusão da narrativa proposta pela instituição.

Neste trabalho, vou analisar a gestão do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da UnB – MAH/UnB durante os anos de 2015 a 2020. O museu é vinculado à Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, e com seu acervo proveniente de pesquisa, o MAH é caracterizado como museu científico. O recorte temporal foi feito para que fosse possível analisar diferentes diretrizes de gestão na administração do museu antes e depois da atuação de uma profissional de museu a frente da instituição, analisando como o diagnóstico museológico alterou a gestão do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB.

Para fazer a análise da gestão durante o recorte selecionado foi feita pesquisa no repositório da Universidade de Brasília – UnB afim de encontrar bibliografia referente ao histórico do museu. Questionários foram encaminhados aos professores do Departamento de Morfologia que estiveram responsáveis pela gestão do museu durante o período de 2015 a

2020[1], sendo que em 2020 quem passou a assumir o cargo da coordenação foi uma museóloga. Os questionários foram encaminhados via e-mail, devido a pandemia de covid-19 e a necessidade de distanciamento social. Houve tentativa de contato com cinco professores da Faculdade de Saúde que coordenaram o Museu de Anatomia Humana entre os anos de 2015 a 2020, porém, recebi a devolutiva de apenas dois gestores: Professor Eduardo Baroneza, gestor no período de setembro de 2018 a novembro de 2020 e a museóloga Marianna De Souza Soares, que está na gestão desde novembro de 2020[2]. Para conclusão dessa pesquisa farei análise das informações dos dados coletados nos questionários. Para os anos em que não coletei os dados através de questionário, utilizei informações coletadas em trabalhos acadêmicos que tiveram, como objeto de pesquisa, o MAH/UnB e sua gestão. Os trabalhos referenciados levantam dados dos anos de 2015 e 2016. E farei relatos da minha experiência quando estive no museu fazendo a disciplina de "estágio supervisionado 1" e no projeto de extensão Museu de Anatomia Humana e a Interação com a Sociedade, no segundo semestre de 2018.

Como objetivos específicos vou apresentar a história dos museus e como se desenvolveu a percepção da necessidade do diagnóstico museológico. No segundo capítulo apresentarei o histórico da Universidade de Brasília e do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da UnB – MAH/UnB. E então no terceiro capítulo farei um recorte temporal entre os anos 2015 a 2020, para então analisar a gestão da instituição pelo viés museológico e fazer minhas considerações finais. A justificativa para essa pesquisa se respalda na Lei n° 11.904, de janeiro de 2009 instituindo que:

> Considera-se museus, para os efeitos dela Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

E ao se dispor a perguntar "qual a importância do diagnóstico museológico na gestão dos museus e de que maneira a sua realização altera a dinâmica museológica?" Manuelina Cândido(2013) demonstra a necessidade de reafirmação da importância do olhar do museólogo sobre a instituição museológica. Ao analisar o museu antes e depois da chegada da museóloga na instituição pretendo entender como o diagnóstico museológico influenciou a

[1] Desde 2018 a mudança de gestão ocorre a cada dois anos, antes a mudança ocorria uma vez por ano.
[2] Até o fim desta pesquisa não havia finalizado o período da museóloga a frente da gestão.

instituição, quais mudanças são possíveis relacionar ao fato do olhar museológico agindo na instituição.

No âmbito administrativo, a gestão museológica pode ser pública ou privada, surgindo a partir de uma coleção pré-existente ou formada a partir de uma ideia e o acervo vai ser constituído futuramente. Quando gerido por iniciativa pública a instituição será criada através de lei, decreto, portaria, decreto-lei, resolução, etc. A instituição museológica de administração pública irá contar com planilha de orçamento anual para manutenção das atividades do museu. Museus privados são criados por atas ou escrituras públicas feitas por pessoas jurídicas de direito privado, ou seja: associações, sociedades, fundações, organizações religiosas e partidos políticos.

Museus, podem ser organização de terceiro setor e receber o título de Utilidade Pública, o que é uma "forma do Estado condecorar organizações dedicadas a servir desinteressadamente à coletividade" (Lei n° 91/1935). Com iniciativas voltadas para o desenvolvimento social e sem fins lucrativos, os museus podem ser geridos por organizações de direito privado: Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) ou Organização Social (OS). Oscip e OS são qualificações de gestão compartilhada entre o poder público e a iniciativa privada sem fins lucrativos. Além de entidades do terceiro setor, Museus podem ser organizações públicas geridas por um órgão federal, como é o caso do MAH. Museu é uma instituição com responsabilidade social e diretrizes estabelecidas, o que possibilita a análise de dados a fim de entender como a gestão dessas instituições afeta nos resultados do processo museológico.

A metodologia dessa pesquisa será exploratória, através de levantamento bibliográfico, análise de projetos, e questionários respondidos por funcionários e ex-funcionários. Será feito um estudo de caso da instituição analisando o modelo de gestão, como comparação utilizarei recorte temporal que faz possível análise de mais de uma coordenação a frente do museu.

Capítulo 1. Surgimento dos museus: desde o santuário grego a acervos com diagnóstico museológico

Atualmente[3] a definição de museu, aprovada na 22ª Assembleia Geral, de Viena em 24 de agosto de 2007 que consta no artigo 3° do Estatuto do *International Council of Museum* – ICOM, é a de que:

> Um museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, aberta ao público a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, em que são adquiridos, conservadas, pesquisadas, comunicadas e exibidas as heranças tangíveis e intangíveis da humanidade seu ambiente, com propósitos educativos, acadêmicos e de entretenimento. (ICOM, 2001)

O primeiro registro de uma estrutura que pudesse ser semelhante ao que temos como museu hoje vem desde o século V a.C. com o *Museion* grego, que durante a era mitológica grega era o santuário em que presidiam as musas protetoras das Ciências e das Artes e também as escolas filosóficas e de investigação científica (CÂNDIDO, 2013). As musas são filhas de Zeus, com Mnemosyne, deusa da memória, ou seja, netas de Cronos o deus do tempo. Manuelina Maria Duarte Cândido (2013) faz uma analogia do parentesco ao "paradoxo de os museus, tão embebidos em questões simbólicas serem vinculados inexoravelmente ás questões materiais e ás preocupações mais terrenas". A fluidez do termo "museu" é algo que aconteceu várias vezes desde o surgimento do termo e já era observado por estudiosos da área, e na verdade a continuidade dessa fluidez já é prevista levando em conta que museus são agentes de mudanças sociais e organismos que estão em constante mudança. Como ressalta José do Nascimento Júnior e Mario Chagas (2002):

> O museu – estrito senso - é um fenômeno da modernidade ocidental que tem aproximadamente duas centenas de anos. Essa indicação é importante, pois explicita o fato de que o saber fazer e o saber lidar com os museus é um aprendizado recente e que, por isso mesmo, frequentemente nos surpreendemos com os seus encaminhamentos, desdobramentos, novidades e ressignificações. (JUNIOR; CHAGAS, 2002. pág. 12)

Para Gustavo Barroso (1974 apud. RÚSIO) não é relevante o momento de surgimento do *Museion* grego, por entendê-lo significativo "numa evolução semântica, mas não necessariamente no amadurecimento do conceito filosófico, sociológico e museológico".

[3] Desde a 25ª Conferência Geral do ICOM, que aconteceu entre 1 e 7 de setembro de 2019, em Quioto no Japão, está acontecendo tentativas de uma nova proposta de museu. Fonte disponível em: Sobre a proposta da nova definição de Museu | ICOM Portugal (icom-portugal.org) Último acesso em: 24/04/21

Rúsio (1974) considera como primeiro momento o "Museu de Alexandria", por seu caráter integrador e pretensão universalista que procurava sintetizar o universo ao redor reunindo "poetas e cientistas que aí pesquisavam, viviam e davam aulas, embora não tivessem a obrigação de lecionar" (RUSIO, 1974).

O *mouseion* de Alexandria, segundo Almeida (2001) era um local que abrigava "coleções de objetos e livros, além de laboratórios, observatório, jardim botânico e zoológico estavam à disposição dos pensadores. " O pouco que se sabe sobre o *mouseion* é que, "situava-se em um grande palácio real construído em fins do século IV a.C. com pórticos, sala para discussão, vasto refeitório". (ALMEIDA, 2001). O *mouseion* foi um repositório de informação que valorizava o desenvolvimento intelectual, Férnadez (1993) disse que era sem dúvida, uma espécie de cidade universitária[4].

Adriana Mortara Almeida (2001) salienta para a relação do *mouseion* de Alexandria e estudiosos do século XII. Grupos de estudiosos, inspirados em grupos religiosos, de ensino superior que se organizavam em sociedade privada em busca de conhecimento. Esses grupos faziam estudos de diferentes origens e eram denominados *studia generali.* Quando no século XIII passaram a ter reconhecimento informal e "posteriormente reconhecimento oficial das autoridades eclesiásticas e civis passando a ser reconhecidos como *universidade"*(ALMEIDA, 2001). Quando esses grupos foram alojados em lugares fixos para praticar suas funções houve a "condição para salvaguarda de coleções e a criação de museus universitários" (ALMEIDA, 2001).

Porém, foi durante o século XV, com a expansão marítima, o descobrimento do Novo Mundo, as expedições para a Ásia e a África, que o colecionismo se tornou uma prática na Europa. Então, com coleções sendo formadas com os mais variados objetos exóticos adquiridos em viagens, os objetos eram exibidos como tesouros e assim foram surgindo os gabinetes de curiosidade. Sobre o surgimento dos Gabinetes de Curiosidades, Julião (2002) diz que:

> Além das coleções principescas, símbolos de poderio econômico e político, também proliferam nesse período os Gabinetes de Curiosidades e as coleções científicas, muitas chamadas de museus. Formadas por estudiosos que buscavam simular a natureza em gabinetes, reuniam grande quantidade de espécies variadas, objetos e seres exóticos vindos de terras distantes em arranjos quase sempre caóticos. (JULIÃO, 2002 pág. 18)

Acompanhando os progressos científicos nos séculos XVII e XVIII, as coleções passaram a ser organizadas e os objetos utilizados para instigar a curiosidade começaram a

[4] Tradução Livre.

receber olhar científico voltado para “pesquisa e a ciência pragmática e utilitária” (JULIÃO, 2002 pág. 18). Foi a partir do interesse de estudiosos em catalogar e gerir as informações que estas vastas coleções tinham, que surgiram os primeiros acervos que viriam a se tornar o museu mais próximo do que temos hoje. Sobre isso, Almeida (2001 pág. 12) diz que: “os museus atuais, abertos ao público, são muito mais parecidos com os gabinetes de curiosidades medievais e com as galerias de arte renascentistas, do que com o *mouseion* de Alexandria”.

Durante muito tempo essas coleções foram privadas e o acesso era restrito a quem fosse convidado pelos proprietários, o que delimita o potencial de pesquisa desses locais. A disseminação de acesso público a esses locais aconteceu no fim do século XVIII, “é a Revolução Francesa que introduz a ideia de que o direito de entrar nos museus é de todo cidadão” (CÂNDIDO apud. POULOT, 2013 pag 35). Nasce na França a ideia de que o Estado deve ser conservador dos bens culturais. E então foi um movimento que disseminou em vários pontos da Europa em consequência do Estado passar a ser responsável pela salvaguarda dessas coleções que antes eram privadas, pertencentes a membros da nobreza. Um marco na história dos museus foi a inauguração do *Ashmolean Museum* da Universidade de Oxford, na Grã-Bretanha (ALMEIDA, 2001). Foi o *Ashmole Museum* o primeiro museu a ter espaço físico para desenvolver atividades como exposição, pesquisa, educação e conservação. O conjunto de funções do museu formam a tríade museal, que é composta por comunicação, pesquisa e preservação. (CURY, 2011).

Cândido (2013), fala sobre a formação desse museu. *Ashmole Musaeum* se formou através da coleção formada por John Tradescant. Tradescant foi o jardineiro do Duque de Buckinghan, e era o responsável por coletar espécimes o que gerou a coleção “Arca de Tradescant”. O catálogo da coleção foi publicado como *Musaeum Tradescantianum,* pelo filho de John e Elias Ashmole, um estudioso membro da Royal Society (CANDIDO, 2013). Contar um breve histórico da formação do Ashmole foi importante para que, pudesse ser falado também sobre o processo de aquisição da coleção pela Universidade de Oxford. Para concluir a doação do acervo Elias Ashmole, o responsável pela coleção no momento da transição, exigiu que fosse construído um edifício anexo a universidade para abrigar a coleção. A concessão de direitos de uso de coleções sob condições do doador foi uma prática bastante disseminada.

Quanto a essa prática Almeida (2001) comenta:

> Muitas vezes as coleções foram doadas segundo contratos bastante claros sobre sua disposição e usos, mas seguindo convenções de cada época. Revendo as exigências e disposições contratuais hoje, algumas delas parecem retrogradas e pouco práticas. Como utilizar tais contratos sem desrespeitá-los? (ALMEIDA, 2008 pág 15)

Esses contratos não seriam aceitos atualmente. A relação estabelecida entre as instituições e o acervo com várias diretrizes restritivas se tornou problemática. Cândido (2013) salienta para o progresso no pensamento da gestão de museus ao dizer que " [...] transtornos por estas causas serviram de ensinamento empírico para a gestão de museus e para a Museologia do futuro". Museus são instituições com missão internacional[5] em compromisso com a sociedade, porém recursos finitos. Ao agregar uma coleção ao acervo, o museu tem, como diretriz, o dever de conservar, pesquisar e educar. Claudio Umpierre Carlan (2008) fala sobre a responsabilidade que o museu tem com a produção de conhecimento:

> Historicamente, o museu é responsável pela produção do conhecimento e a convergência dos saberes científicos. Não basta guardar o objeto. Sem uma pesquisa permanente, a instituição fica subestimada a um centro de lazer e turismo. Cabe aos pesquisadores inserir os objetos, reclusos em suas reservas técnicas, como fontes históricas. (CARLAN, 2008 pág 82)

E no século XIX, com o aumento do número de peças nas coleções dos museus de História Natural, aumentou também o interesse do público. Fernando Bragança Gil (2005) diz que principalmente em museus ligados a universidades, se formou público de "investigadores, estudantes e público em geral", e para atender a esses públicos em um mesmo museu, se formava três tipos de coleções:

> 1) A destinada ao grande público que, em muitas instituições, foi recorrendo aos profissionais de museografia para tornar a apresentação estimulante e agradável;
> 2) A coleção de ensino, organizadas segundo as necessidades deste;
> 3) A coleção cientifica tão completa quando as possibilidades do museu o consentiam. (GIL, 2005 pág 43)

No Brasil o primeiro museu foi criado no séc. XIX depois da chegada da Família Real Portuguesa em 1818, o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, o então Museu Real. (CANDIDO, 2013). E a partir da segunda metade dos oitocentos foram criados:

> [...] os museus do Exército (1864), da Marinha (1868), o Paranaense (1876), do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (1894), destacando-se, nesse cenário, dois museus etnográficos: o Paraense Emílio Goeldi, constituído em 1866, por iniciativa de uma instituição privada, transferido para o Estado em 1871 e reinaugurado em 1891, e o Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga, surgido em 1894. (JULIÃO, 2002 pág. 19)

[5] Definição de museu pelo ICOM.

E foi apenas em 1922, com a criação do Museu Histórico Nacional (MHN) que se rompeu com os museus enciclopédicos no Brasil e começou um marco para os museus que consagravam a história, e utilizavam seu acervo para criar uma representação de nacionalidade. Sobre a função social do MHN, Julião (2002) diz "tratava-se de ensinar a população a conhecer fatos e personagens do passado, de modo a incentivar o culto à tradição e a formação cívica, vistos como fatores de coesão e progresso da nação". O foco do museu era através de objetos representar a "noção de história oficial". O acervo era formado por obras da elite nacional, principalmente da época do império. O Museu Histórico Nacional teve muita influência na forma de fazer museologia dos museus brasileiros:

> o modelo de Museologia de Gustavo Barroso, inaugurado com a implantação do Museu Histórico Nacional (1922), expande-se com a criação do primeiro Curso de Conservador de Museus da América do Sul (1932), fortalecendo um sentido de busca da identidade nacional de base não apenas estética, mas intelectual. (CANDIDO, 2013 pág 39)

Santos (2007) faz uma ressalva sobre a importância do planejamento museológico:

> [...] o planejamento museológico não é apenas uma técnica com o objetivo de melhorar a ação dos museus. É sobretudo, crescimento humano. É um processo educativo de ação e reflexão, que deve ser alcançado com a participação, tanto na fase da estruturação como de reestruturação da instituição. (SANTOS, 2007. pág 99)

O diagnóstico museológico é parte essencial para o gestor ter o estado da arte da sua instituição. Almeida (2001) salienta para o risco de que ao adquirir acervos sem o planejamento necessário há o risco de gerar problemas ao bom funcionamento da instituição:

> - Ausência de recursos financeiros e humanos adequados;
> - Ausência de espaço físico adequado;
> - Ausência de um corpo de pesquisadores das áreas abrangidas pelas coleções;
> - Ausência de cursos relacionado com as coleções.
>
> (ALMEIDA, 2001 pág 14)

Levando em consideração os pontos levantados acima, temos que nos lembrar que o acervo dos museus universitários é utilizado para pesquisa, e esses objetos são utilizados auxiliando no ensino e extensão. Fernando Bragança Gil (2005) diz:

> Vem de muito longe – pelo menos desde o séc. XVII – a existência de colecções ligadas ao ensino e investigação em determinados domínios sobretudo História Natural e Medicina. Neste último caso, essas coleções estavam estritamente ligadas aos *Theatrus Anatomicus* que começaram a surgir na Itália e na Holanda, a partir dos finais do séc. XVI no ensino da Medicina." (GIL, 2005 pág 41)

Rezende (2015) diz que o primeiro órgão responsável no Brasil pela proteção do patrimônio nacional, foi o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, criado em 1936 e que hoje recebe o nome de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. O órgão foi promulgado no ano seguinte ao eu decreto de criação e no artigo 46 da Lei n° 378, de 13 de janeiro de 1937 afirmava: "fica criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a finalidade de promover, em todo o País e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional" (REZENDE apud. BRASIL, 1937, art. 46).

Porém existem várias críticas ao *modus operandi* da cúpula responsável pelo SPHAN, que fazia o registro dos bens através de noções de estética particulares ao grupo que tinha o poder de decisão, um grupo seleto de homens acadêmicos. Quanto a hegemonia implantada por esse grupo, Santos (1996) diz:

> A análise do conjunto das atas das reuniões [...] permitiu evidenciar, em diferentes momentos, as marcas contundentes do discurso performativo, cravado de autoridade, pelo poder de transformação dos objetos móveis e imóveis em monumentos, cuja sacralidade resultava da capacidade desses objetos encarnarem manifestações históricas ou artísticas singulares. (SANTOS, 1996 pág 84)

E com o decreto-lei n° 8.534, de 2 de janeiro de 1946 o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) é transformado em instituto e renomeado para Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Através de respaldo legal do plano plurianual (PPA) 2000-2003 foi criada a política Nacional de Museus, e dentro dessa PPA nasceu o programa "Museu, Memória e Cidadania", porém como diz Tolentino (2007) essa política possuía lacunas que não davam o respaldo financeiro que os museus precisavam, e foi por isso que foi criada a Política Nacional de Museus que apresenta sete eixos programáticos, como apresenta Toletino (2007):

> 1) Gestão e configuração do campo museológico;
> 2) Democratização e acesso aos bens culturais;
> 3) Formação e capacitação de recursos humanos;
> 4) Informatização de museus;
> 5) Modernização de infra-estruturas museológicas;
> 6) Financiamento e fomento para museus;
> 7) Aquisição e gerenciamento de acervos museológicos.
> (TOLENTINO, 2007 pag 79)

A Política Nacional de Museus influenciou para que houvesse uma setorização em relação a preservação do patrimônio brasileiro, em 2004 nasceu Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU), mas como diz Tolentino, já começava a se falar sobre a criação

do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). E então pela Lei n° 11.906, de 20 de janeiro de 2009 é criado Instituto Brasileiro de Museus. Uma autarquia reguladora que ficou responsável pela administração de 31 museus que pertenciam ao escopo do IPHAN.

No campo da Museologia a administração é complexa por se dar em três etapas: a de pessoal, do acervo e gestão do espaço. Cada etapa tem sua demanda específica. A coordenação de pessoal dentro do museu tem que ser feita de forma que mantenha a equipe trabalhando em conjunto em prol da instituição. Quando toda a equipe tem afinidade com o museu, o funcionamento da instituição, de forma geral, tende a ser melhor. Chiavenato (2004) explica a relação entre motivação e produtividade através da Teoria das Relações Humanas[6]:

> O comportamento humano é motivado. A motivação é a tensão persistente que leva o indivíduo a alguma forma de comportamento visando à satisfação de uma ou mais necessidades. Daí o conceito de ciclo motivacional: o organismo humano permanece em estado de equilíbrio psicológico (equilíbrio de forças psicológicas, segundo Lewin), até que um estímulo o rompa e crie uma necessidade. Essa necessidade provoca um estado de tensão em substituição ao estado de equilíbrio anterior. A tensão conduz a um comportamento ou ação para alcançar a satisfação da necessidade. Quando a necessidade é satisfeita, o organismo retorna ao seu estado de equilíbrio inicial até que outro estímulo sobrevenha. Toda satisfação representa uma liberação de tensão ou descarga tensional. (CHIAVENATO, 2004 pág 119)

. Sobre a gestão de pessoal, Patrick J. Boylan (1998) fala sobre a importância da equipe que trabalha no museu:

> Os funcionários do museu, pagos ou voluntários, são o ativo mais importante da instituição. Independentemente do valor, sem uma equipe que exerça uma curadoria, conserve o acervo e o exponha, ou de alguma maneira o apresente ao seu público, os tesouros mais preciosos do museu serão de pouco valor real ou pouca serventia. Se não houver conservação preventiva adequada, é quase certo que o acervo se deteriore até que, por fim, esteja totalmente perdido. (BOYLAN, 1998 pág 121)

Quanto a gestão do acervo, Manson (2004) diz:

> Os acervos que formam a base de nossos museus trazem consigo responsabilidades. Os objetos não apenas representam o nosso passado no presente, eles nos conferem a responsabilidade de conservá-los para o futuro. Precisamos garantir o acesso a eles para todos. Precisamos informar, disponibilizar. A tarefa de documentar essa herança precisa ser completada. (MANSON, 2004 pág 32)

A administração museológica deve seguir diretrizes que no Brasil tem respaldo legal através da Lei N° 11.904, de 14 de janeiro de 2009. O Art. 44, da presente lei define como dever de todo museu elaborar o plano museológico, que engloba a razão de ser do museu e

[6] É a abordagem humanística da teoria administrativa. Surge depois da grande depressão na década de 30 graças ao desenvolvimento das ciências sociais e da Psicologia, em particular a Psicologia do Trabalho. (CHAVIANETO, 2004)

seu objetivo com a sociedade. O Art. 45 da Lei n° 11.904/2009 classifica o plano museológico como:

> Art. 45. O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade. (BRASIL, 2009)

As várias etapas exigidas para a manutenção da instituição exigem do profissional gestor preparo técnico diante das infindas situações que podem ocorrer no quadro de serviço do museu. O diagnóstico museológico é uma ferramenta essencial para o bom gerenciamento da instituição para que o profissional tenha o panorama dos pontos fracos e fortes, assim como o mapeamento das necessidades da instituição como um todo. Quanto aos desafios na gestão museológica Cândido (2013) diz:

> O desconforto em perceber cotidianamente cisões entre os avanços da Museologia e o atraso de grande parte do cenário museal, especialmente longe dos grandes centros, foi uma preocupação sempre presente na nossa trajetória profissional. Compreende-se que um caminho para aproximar essas realidades, no sentido de qualificação dos museus é a realização de uma análise dos museus sob o ponto de vista da Museologia e a elaboração de estratégias para desenvolver potencialidades, equacionar desafios e problemas identificados. (CANDIDO, 2013 pág 120)

Carlos Alberto dos Santos Costa (2017) reforça a necessidade de um olhar cuidadoso sobre a gestão do museu ao dizer que:

> Indiferente ao interesse ou modelo a ser adotado numa instituição museológica, a equipe deverá estar atenta a atividade fim da instituição (sua missão), quais os meios necessários para chegar a estes fins, como estes meios estarão se relacionando mutuamente e, por fim, a quem se destina as atividades da instituição. (COSTA, 2017 pág 52)

Bruno (2006) salienta para o caráter de resistência que o museu tem, apesar das mudanças históricas que o ser humano passa os museus se mantém como instituição de preservação:

> Após os impactos da industrialização, do surgimento do objeto descartável e dos diferentes meios de comunicação apoiados na eletrônica e na informática, é possível afirmar que a noção sobre museu vem sendo profundamente repensada e expandida. Os museus têm assumido o desafio de trabalhar a partir dos mais diferentes acervos, para distintos segmentos das sociedades, em todas as regiões do mundo, procurando explicitar as características da nossa condição humana. (BRUNO, 2006a pág 9)

Timothy Mason (2004), faz uma análise quanto a situação financeira de museus universitários no Reino Unido que é pertinente aos museus universitários do Brasil. Em ambos locais, dentro das universidades os museus são subordinados a departamentos e, tem como forma de fomento verbas repartidas com outras coordenações. Mason diz, "os museus nesse setor provavelmente enfrentam problemas maiores que os outros, pois as verbas para universidades estão sobre constante pressão"

Museus tem os desafios cotidianos que fazem com que a gestão museológica, tenha um campo teórico para lidar com suas particularidades e expectativas especificas da área. Quanto as expectativas sobre gestão de instituições, Idalberto Chiavenato em seu prefácio (2003) diz:

> [...] na medida em que o ambiente se torna mais instável e turbulento - como é o que está acontecendo no mundo de hoje -, maior a necessidade de opções diferentes para a solução dos problemas e situações que se alteram e se diferenciam de maneira crescentemente diversa. (CHIAVENATO, 2003 np)

Para atender a demanda de discussões pertinentes ao caráter interdisciplinar dos museus universitários o ICOM criou em 2000 uma comissão internacional especializada em museus universitários, *University museums and Collections*. (GIL, 2004). Sobre a comissão, Fernando Bragança Gil (2004), comenta:

> Deu-se assim o reconhecimento, pelo organismo de cúpula dos museus, a nível mundial, da natureza específica dos museus universitários, cada um dos quais, considerado individualmente, podendo enquadrar-se também noutra comissão internacional correspondente à especificidade. (GIL, 2004 pág 46)

No próximo capítulo falarei sobre a história da Universidade de Brasília – UnB, e apresentarei o histórico do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB.

Capítulo 2: A história da Universidade de Brasília, até o nascimento do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB

2.1 – Histórico da Universidade de Brasília – UnB:

Neste capítulo, para contextualizar a história de inauguração do MAH será apresentada a história da concepção da Universidade de Brasília – UnB, a instituição universitária a qual o museu está inserido. E então será apresentada como foi a concepção do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB.

A Universidade de Brasília – UnB, foi fundada em 21 de abril de 1962, começando suas atividades, em Brasília, após dois anos da inauguração da cidade. O plano de criação da Universidade foi um desafio que Darcy Ribeiro, etnólogo, professor, educador, ensaísta e romancista (ALVES, 2017) quis viver quando viu as movimentações para criação de uma nova capital no centro do país, com um plano de universidade inovador com ares de modernidade. Darcy trabalhava no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (RIBEIRO, 1995) como responsável por planejar o ensino primário e o médio na capital que estava sendo construída. E foi aí que ele viu uma grande oportunidade de criar uma universidade autônoma diferente dos modelos já existentes no país, "criando uma universidade capaz de dominar todo o saber humano e de colocá-lo a serviço do desenvolvimento humano" (RIBEIRO, 1995 pág 38). E concordando com as ideias de uma universidade inovadora, Souza (apud. GOMES. 2010) caracteriza a UnB como: "Uma universidade num país que nunca tivera universidades, mas apenas ajuntamento de escolas profissionais e superiores". A universidade nasceu com o projeto de "junto ao humanismo, á livre criação cultural, fosse integrada à ciência e à tecnologias modernas" (RIBEIRO, 1995 pág 135). A priori, a elite política do país da época não concordava com o nascimento de uma universidade de ensino básico, exigindo que houvesse apenas institutos de pós-graduação a fim de manter a capital livre de "badernas estudantis, assim como greve de operários fabris" (RIBEIRO, 1995 pág 8). Com muita garra e resistência Darcy Ribeiro com sua comissão, que contava com os principais cientistas e pensadores brasileiros, conseguiu o aval do Presidente Juscelino Kubitschek. E em 21 de abril de 1960, chegou ao Congresso Nacional o pedido de criação da Universidade de Brasília. (RIBEIRO, 1995). Quanto a estrutura física da Universidade quando iniciou suas atividades, Alves (2017) diz:

> A inauguração da UnB semelhou-se com a construção da capital federal. Quase tudo era canteiro de obras, poucos prédios estavam prontos. O Auditório Dois Candangos, onde ocorreu a cerimônia de inauguração, foi finalizado 20 minutos antes do evento, marcado para as 10h. (ALVES, 2017 np)

E em 21 de abril de 1962, com Darcy Ribeiro como reitor e Anísio Teixeira como vice-reitor, a Fundação Universidade de Brasília foi instituída. A Universidade tinha como organização a integração de três modalidades de órgãos: os Institutos Centrais, as Faculdades e os Órgãos Complementares. (PLANO ORIENTADOR, 1962). Os Institutos Centrais ministram os cursos introdutórios, os cursos de bacharelado, cursos de graduação científica e os programas de estudos pós-graduados. Eram oito institutos centrais: Matemática, Física, Química, Biologia, Geo-Ciências, Ciências Humanas, Letras e Artes. As Faculdades então

receberiam os alunos já preparados por cursos introdutórios e ensinariam treinamento especializado para exercer uma profissão. (PLANO ORIENTADOR, 1962)

A universidade nasceu como Fundação, no Estatuto da Fundação Universidade de Brasília (1962), deixando claro no 1° capítulo, Art. 4° que: "a Fundação é uma não governamental, administrativa e financeiramente autônoma, nos termos da lei e do presente Estatuto". Essa configuração organizacional foi especialmente escolhida para garantir a autonomia das atividades que a UnB realizaria. Darcy Ribeiro (1995) disse:

> A definição de seu regime jurídico como fundação de caráter especial deveria assegurar a autonomia na sua organização, manutenção e direção. Respaldado nessa concepção, foi previsto para seu funcionamento um modelo acadêmico administrativo que objetivava a articulação de suas atividades de ensino e pesquisa. Esta articulação seria feita através dos institutos e faculdades, organizados em departamentos, acompanhados pelos órgãos complementares, que, em seu conjunto, promoveriam o ensino e a pesquisa e garantiriam a sua integração com a comunidade externa. (RIBEIRO, 1995 pág 42)

Darcy Ribeiro entendia a potencialidade das universidades como agente de mudança. Entendia que o Brasil tinha a necessidade de ascender como potência científica, mas que para isso mudanças teriam que ser feitas no sistema de ensino vigente, que se prendia ao ensino técnico e sem autonomia. Quanto ao posicionamento de Darcy Ribeiro, Adélia Ribeiro (2017) diz:

> É por isso que, ao diagnosticar o presente das universidades latino americanas, Darcy Ribeiro avaliou que seu ritmo e tipo de crescimento não lhes davam possibilidades de, em um futuro próximo, desempenharem as funções mínimas de órgãos autônomos. Porém, se alterado o modelo de universidade, estaria ela apta a antecipar as transformações do contexto social, podendo nele intervir e provocar inovações intencionais. (RIBEIRO, 2017 pág 590)

Acreditando no potencial de mudança social da universidade que estava projetando, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira convidaram os mais renomados professores da época para fazer parte do corpo docente. E então, para que saíssem de suas cidades e fossem lecionar na Universidade Necessária[7], Darcy Ribeiro providenciou moradias completas para alojar os professores que chegavam a Brasília para formar um novo modelo de universidade no Brasil. (RIBEIRO, 1995)

Quanto ao campo dos museus, no Plano Orientador já estava previsto que houvesse na Universidade de Brasília, o Museu de Arte, o Museu da Civilização Brasileira e o Museu da

[7] Chamada assim por seu caráter utópico construído por uma geração de pensadores que acreditava em um projeto acadêmico, educacional, arquitetônico e social integrador. (RIBERO, 2017)

Ciência. Darcy Ribeiro planejou o Museu da Civilização com o intuito de "comunicar Brasília e o Brasil com as civilizações que floresceram em todo o mundo, a fim de nos situar responsável e ambiciosamente entre elas" (RIBEIRO, 1995 pág 132). E para criação do Museu do Homem Brasileiro e de um curso completo de museologia, com duração de quatro anos, foi convidada Lygia Martins Costa, que contou como foi a experiência em uma entrevista[8]. Houve a intenção de organizar o museu com os alunos tendo aulas "pois eles estavam estudando a parte científica e, desse modo, a parte prática seria um complemento, orientado pelos professores". Costa ainda fala como a oportunidade de passar três semestres em Brasília foi enriquecedora:

> O trabalho que eu havia criado em Brasília, apresentei-o aqui, no congresso de Museus. Aqueles três semestres em Brasília me deram uma abertura muito grande. O contato com os professores, a discussão dos problemas, a possibilidade de um interferir no trabalho do outro, de um chamar o outro para falar sobre um assunto que ele conhecia mais, tudo isso foi uma experiência imensa. (COSTA, 2005 pág 300)

Mas nenhum desses museus chegou a se concretizar, nem o curso de museologia, que só veio a ser instaurado no segundo semestre de 2009. Quando perguntam a Lygia Costa sobre o projeto do curso de museologia ela responde: "Ele não chegou a ser implementado por causa da Revolução. A Revolução desmontou tudo" (COSTA, 2005 pág 300). Quanto à revolução, ela se refere ao golpe de Estado, em 31 de março de 1964, no qual foi instaurado o regime militar.

Outra tentativa de implementar o curso de Museologia só viria em 1988, quando a museóloga Lais Scuotto e o professor Antônio Miranda, do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, apresentaram uma proposta de criação do Curso de Museologia. E então o projeto do Curso de Especialização em Museologia foi aprovado pelo MEC, mas devido a alta da inflação no período o projeto não pode ser implementado. (ALVARES, 2012) O curso de museologia só viria a ser implantado na Universidade no ano de 2009 através da proposta de Reestruturação das Universidades (Reuni).

[8] Entrevista-depoimento disponível na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 31. Brasília: Iphan, 2005.

Voltando a 1963, quando a universidade quase se tornou alvo de uma CPI[9], que não aconteceu naquele ano, mas que a deixou visada como "um foco de subversão" (RIBEIRO, 1995). Mas então, em 9 de abril de 1964, a UnB foi ocupada por militares que efetuaram a prisão de professores e alunos, e instauraram um inquérito a fim de investigar a subversão no *campus*. Por falta de provas a investigação não foi para frente, mas as autoridades universitárias foram destituídas. Em seguida se sucedeu uma série de demissões de professores e expulsões de alunos, que eram justificadas por subversão, motivos ideológicos e incompetência. (RIBEIRO, 1995) O ano de 1965 foi marcado por tentativa de alunos e docentes de denunciar as pressões extra universitárias que a universidade vinha sofrendo na tentativa de manter a autonomia e o cumprimento do estatuto da Universidade. Após renúncia do reitor Zeferino Vaz, é nomeado reitor Laerte Ramos de Carvalho, e então os instrutores aderiram à greve dos alunos que denunciavam:

> [...] à falta de condições para o trabalho, a exclusão de professores, a prisão de alunos, a retenção de verbas e intromissão de militares na Universidade. Denunciavam, também, o não cumprimento do estatuto, o que impedia a implantação dos órgãos de decisão e afirmavam que a greve era uma advertência pró-autonomia (RIBEIRO, 1995 pág 45)

E então em outubro, com os alunos ainda de greve, o reitor suspendeu as atividades acadêmicas e solicitou o envio de tropas policiais ao Departamento Federal de Segurança Pública para " a manutenção da ordem de preservação do patrimônio" (RIBEIRO, 1995). Uma data marcante desse período tenebroso, para recém-criada, Universidade de Brasília foi o dia 18 de outubro de 1965, em que após a demissão de 15 professores, considerados subversivos, houve o pedido de demissão coletiva de 209 professores. Após os pedidos em massa Laerte Ramos "deu um prazo de 24 horas para que todos os signatários do documento apresentassem o pedido de demissão individual. " (RIBEIRO, 1995). Quanto ao resultado da repressão sofrida pelo corpo docente, Darcy Ribeiro disse:

> Poucas coisas me doeram tanto, talvez nenhuma me doeu assim, como saber, um dia, que a imensa maioria dos sábios que trouxera para cá, em defesa da dignidade desta Universidade, por não aceitarem seu avassalamento, saíram em diáspora mundo afora. Eram mais de duzentos sábios e aprendizes, selecionados por seu talento, para plantar aqui a sabedoria humana. Cada um deles recebeu, com o contrato, um apartamento mobiliado, porque tudo deixaram ao virem para cá. Agora, dispersavam-se, de mãos vazias, buscando algum trabalho nas universidades nacionais, também perseguidas e para eles fechadas, ou no estrangeiro. (RIBEIRO, 1995 pág 16)

[9] Para investigar a posição ideológica dos professores, o assunto chegou a ser investigado na Comissão de Educação da Câmara Federal. (RIBEIRO, 1995)

Depois do ocorrido, em 1967, Laerte Ramos tentou organizar uma nova contratação para suprir a universidade que estava bastante defasada, mas com poucos recursos e professores não querendo ocupar as vagas dos demissionários a qualidade dos profissionais contratados gerou greves no campus (RIBEIRO, 1995). Quanto a perda de potencial científico que foi encadeada pela repressão do regime militar no Brasil, Darcy Ribeiro diz:

> A Universidade do Distrito Federal, filha querida de Anísio, foi fechada e banidos seus professores, os mais brilhantes que o Brasil uma vez reunira: Afrânio Peixoto, Gilberto Freyre, Hermes Lima, Roquette Pinto, Mário de Andrade, Villa-Lobos e muitos outros. Anísio não pôde trazer foi a equipe de professores franceses da mais alta qualificação, que ele contratara e que já estavam no cais, quando ocorreu o desastre. (RIBEIRO, 1995 pág 34)

E ao ser instaurada a AI-5 e o Decreto 477, que determinava que a atuação dos militares, caso precisassem entrar na universidade, teriam suas ações coordenadas junto com o Ministério da Educação e da Cultura e " o projeto UnB foi então totalmente redirecionado" (RIBEIRO, 1995)

E durante o mandato do reitor José Carlos de Almeida Azevedo, do qual Darcy Ribeiro (1995) lembra que:

> Desde o primeiro momento, foi identificado pelos professores e alunos como representante máximo do regime militar, na Universidade, não só pela sua condição de Capitão da Marinha, mas pelo papel que passou a exercer inteiramente no controle do poder. (RIBEIRO, 1995 pág 37)

Em 1977, foi inaugurado o Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília. Um museu que nasceu do esforço de alunos, servidores e docentes, que produziam em sala de aula o que viria a se tornar acervo do MAH. O acervo era composto de objetos produzidos "pela arte da dissecação, objetos de ensino e cultura importantes para a divulgação e o estudo das ciências morfológicas. " [10](MAH/UnB). No próximo tópico vou falar sobre a gestão do MAH. Um museu de 44 anos, vinculado a uma das melhores faculdades de medicina do país[11] com acervo composto por mais de 1030 peças. [12]

2.2 – Histórico do MAH/UnB:

[10] Essas informações estão disponíveis no portal do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina – MAH/UnB. Disponível em: http://www.mah.fm.unb.br/institucional-home/historico último acesso em: 06/05/2021 último acesso em: 07/05/2021

[11] Segundo QS World University Rankings by Subject

[12] Disponível em: http://www.fm.unb.br/extensao/memoria-fm ultimo acesso em: 10/05/2021

O MAH nasceu em 1977[13], a partir da organização espontânea de professores, técnicos e alunos da Universidade de Brasília, a criação do museu através de uma coleção pré-existente é prática comum em museus de ciência. Não há decreto de criação da instituição. A fim de fazer o levantamento da história do museu, Marianna Soares iniciou em 2019, por meio de iniciativa institucional organizada pela Direção e pelo Núcleo de Memória da Faculdade de Medicina da UnB - NMFM/UnB, no âmbito Edital do Programa Especial "UnB nos 60 anos de Brasília", do Decanato de Extensão da UnB (DEX/UnB) a coletar depoimentos com o objetivo de valorização da história dos indivíduos que fizeram parte da história da instituição. Parte das informações coletadas foram disponibilizadas no site institucional da Faculdade de Medicina. Devido a pandemia o projeto não foi concluído, mas no momento em que as atividades presenciais retornarem o trabalho tomará continuidade.

O museu passou os primeiros anos servindo quase que exclusivamente a comunidade acadêmica, não sendo aberto ao público a visitação e tendo acesso a coleção apenas alunos da UnB, que na época era a única universidade da cidade (SILVA,2004). Coleções de museus universitários que se formam a partir de acervo didático é algo comum de se ver na história das instituições. Gil (2005) comenta essa prática:

> Essas coleções começaram por ser formadas por exemplares com o objetivo de auxiliares de ensino não constituindo propriamente museus, embora viessem a ser, pelo menos em parte, integradas nestas instituições geralmente com caráter acadêmico. (GIL, 2005 pág 41)

Em entrevista, com uma funcionária que trabalhou na Faculdade de Ciência da Saúde, Silva (2004) chega a informação que em 1986, através de esforços dos professores Armando China Bezerra e Daniel Barbato, o museu ganhou um espaço físico para alocar as peças que estavam sendo coletadas desde o final dos anos 60. A ideia para o espaço era "montar um espaço que ele dizia que ia ser de divulgação; que ia ser um espaço de ensino e divulgação das ciências morfológicas" (SILVA, 2004). No momento em que o museu ganhou estruturas físicas mais peças foram adicionadas ao acervo.

Atualmente no site do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, o museu está descrito como:

> Museu universitário que tem o propósito de promover o conhecimento e a reflexão a respeito da forma, da constituição e do desenvolvimento do corpo humano. Localiza-se em um espaço aberto à visitação pública, onde a divulgação da anatomia

[13] Informação retirada no site da instituição. Disponível em: http://www.mah.fm.unb.br/ último acesso em: 07/05/2021

> e da embriologia humana estão associadas aos três pilares que compõem a Universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. (MAH/UnB, 2019)

A gestão do MAH durante a maior parte de sua existência, passou pela coordenação de profissionais ligados à área da saúde, mas somente em 2018 entrou no corpo de funcionários uma profissional com formação em museologia. Museologia no Brasil, abarcada pelo estatuto de museus, tem diretrizes impostas que preveem o dever do museu com a preservação, conservação e pesquisa. A gestão de museu tem que ser coordenada levando em conta o acervo, a documentação, a pesquisa, a conservação, o prédio e o contexto em que estamos inseridos para criação de uma narrativa que comunique a mensagem proposta na missão da instituição. Bruno (2006), fala que "Museologia e Museus têm caminhos entrelaçados, responsabilidades recíprocas e cumplicidade no que tange à função social".

Quanto ao compromisso pedagógico e a preocupação com a comunicação, Cabral (2006) diz:

> Os museus, guardiões de objetos culturais originais (coleções/ acervos), deverão ter a constante preocupação em democratizar informações, conhecimentos e saberes, até que se torne rotina a troca efetiva de experiências que irão permitir inúmeras possibilidades de realizar mediações pedagógicas. Mas também deverão considerar as experiências e expectativas dos professores e de seus grupos de alunos, considerando os programas escolares. (CABRAL, 2006 pág 67)

O embasamento teórico da museologia existe, mas é necessário que seja colocado em prática. Museologia, apesar de ser um campo teórico com discussões técnicas desde o século XII, ainda hoje existe a necessidade de reafirmar a necessidade e importância de um profissional museólogo na instituição. Quanto a necessidade de profissionais de museus irem a campo Bruno (2006) diz:

> A consolidação epistemológica dessa disciplina depende, em grande parte, de sua experimentação nos museus, estas instituições necessitam, em contrapartida, de orientação filosófica e conceitual, derivada dos paradigmas que alimentam a discussão em torno da Museologia. Neste sentido, o refinamento dos caminhos entre o sonho e a utopia reside na conciliação entre o desenvolvimento dos museus e as conquistas do pensamento museológico. (BRUNO, 2006 pág 8)

Com exemplo do MAH, uma instituição datada dos anos 70, responsável pela salvaguarda de um dos maiores acervos da tipologia de anatomia humana da América Latina, farei uma análise da gestão de museus por um profissional de museu. Utilizarei recorte temporal de cinco anos, entre 2015 a 2020, para ser possível analisar o período em que o museu não teve uma museóloga em seu quadro de funcionários.

Capítulo 3: Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB. Estudo de caso da gestão entre os anos de 2015 a 2020

3.1 Museologia dentro do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB. Estudo de caso (2015 – 2020)

O MAH tem como instituição mantenedora a Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, do qual está vinculado com a Área de Morfologia. O espaço físico[14] ocupado pelo museu está localizado no segundo andar do prédio da Faculdade de Medicina, na Área de Morfologia. A metragem atual do espaço é de 180, 22 m^2, e está dividido entre espaço entre duas salas de exposição de longa duração, na qual uma tem 51m^2 , e a outra 30 m^2. Há também uma sala de mostras temporárias com 21m^2, a secretária que tem 17m^2 e a reserva técnica e ossário ocupam 61,21$m^{2.}$.

O museu possui plano museológico, que foi produzido em 2014. Marianna Soares está produzindo um novo documento, levando em consideração que o documento atual não segue o padrão das diretrizes do Ibram, que prevê:

> O Plano Museológico é o principal instrumento para a compreensão das funções dos museus. Por meio do planejamento institucional, é possível definir prioridades, indicar os caminhos a serem tomados, acompanhar as ações e avaliar o cumprimento dos objetivos. É a partir dele que as ações administrativas, técnicas e políticas são sistematizadas tanto no âmbito interno, quanto na sua atuação externa. Assim, o Plano Museológico permite que a instituição utilize todo o seu potencial para realizar seu trabalho e alcançar seus objetivos da forma mais eficaz. (IBRAM, 2016).

Por conta da pandemia de covid-19 e a necessidade de distanciamento social não tive acesso ao documento durante o período da pesquisa por só existir o documento impresso, o qual está alocado na administração do museu. Porém, em 2019 quando fiz a disciplina curricular "estágio supervisionado 1" na instituição, fiz análise do documento. O qual apresenta informações desconexas com a tipologia do acervo. Quanto a exposição de longa duração consta no plano museológico que:

[14] Existe a página do Museu Virtual de Anatomia, vinculado a UnB mas a pagina se encontra em construção e até o dia de entrega dessa pesquisa não houve resposta do coordenador do projeto. Pagina do Museu Virtual disponível em: Atividades Acadêmicas (unb.br) último acesso em: 08/05/2021

> a exposição apresenta o fenômeno dos terremotos desde sua base teórica, seus termos específicos e suas variáveis como os sismos induzidos, as erupções vulcânicas e os tsunamis (Plano Museológico do MAH, 2014)

O documento está desatualizado e apresenta informações incoerentes com a tipologia da instituição. Outro fator importante sobre o plano museológico do MAH não passou por reunião do colegiado, por tanto não é oficial.

O museu tem regimento interno desde 2014, mesmo período em que foi produzido o plano museológico, porém passou por reformulação em 2019. Observando que o museu não está presente no Organograma ou no Regimento Interno da Faculdade de Medicina, Marinna Soares atualizou o documento entendendo ser essencial oficializar o lugar institucional do MAH antes de aprovar o novo regimento. Para reformular o documento, Marianna Soares coordenou as estagiárias de Museologia numa leitura crítica do documento e então, em grupo, as diretrizes foram reformuladas. Por conta da suspensão das atividades presenciais, até o momento do fim deste trabalho, o documento ainda não foi oficializado por não ter sido discutido pela diretoria do museu, e nem aprovado pelo colegiado da Faculdade de Medicina.

No questionário elaborado para a pesquisa indaguei aos coordenadores se a equipe do museu tem ciência do Estatuto de Museus, a única resposta positiva aconteceu depois da chegada de Marianna Soares a instituição. Levando em consideração que o Estatuto de Museus, respaldado pela Lei N° 11.904/2009, é marco regulatório do setor museológico e traz princípios e diretrizes a serem seguidos é essencial que todas as instituições museológicas tenham conhecimento do documento. Apesar de não ter discutido o Estatuto com toda a equipe, desde 2018, quando começou a trabalhar no museu, Marianna Soares toma medidas para que ele esteja alinhado com as diretrizes previstas por lei. Ela relata que o museu está se organizando, prioritariamente, em conformidade com as diretrizes da gestão museal, preservação, democratização de acervos, formação e capacitação. Além de estar modernizando o sistema de segurança do museu, cumprindo a lista de exigências reguladoras do Corpo de Bombeiros Militar do DF - CBMDF. As medidas abrangem segurança do acervo, do público, da equipe, dos equipamentos e das instalações.

Quanto ao diagnóstico museológico, a única gestora que deu resposta positiva quando perguntado se a instituição havia realizado o diagnóstico foi museóloga. A profissional relata que, desde 2018 mantém o diagnóstico em constante andamento. Com a pandemia foi necessário pausar as atividades presenciais do museu, mas quando o trabalho voltar ao normal ela continuará o trabalho de levantamento do estado de conservação, identificação de

deterioração e quantidade de objetos existentes com enfoque nos agentes de riscos presentes na Cartilha Gestão de Riscos[15]. Através do diagnóstico ela identificou problemas relacionados a forças físicas, possíveis furtos, temperatura incorreta, umidade incorreta, água e deterioração de algumas peças. A profissional argumenta que para a volta das atividades com o acervo é necessário que a equipe do museu tenha Equipamento de Proteção Individual (EPI) e Equipamento de Proteção Coletiva (EPC) adequados. Pela tipologia do acervo e pelas técnicas de conservação usadas nas peças, o material é tóxico e o manejo do acervo sempre tem que ser feito com segurança.

O MAH, se caracteriza como museu científico "Contribuindo para a formação de profissionais da saúde, além de proporcionar ao público geral a possibilidade de se aproximar à ciência anatômica"[16]. Quanto às áreas específicas do museu será feita análise do por categorias:

Recursos Humanos:

Não foi localizado informação quanto ao corpo técnico de funcionários que fez parte da equipe durante o ano de 2015, mas na monografia de Palomino (2015), salienta para vontade da coordenadora na época, Professora Dra. Jussara Rocha Ferreira quanto à necessidade de uma museóloga na instituição:

> Durante a pesquisa coordenação do museu foi enfática ao dizer que poderia ter a ajuda de um museólogo para a catalogação atrasada dos documentos do MAH. O museu conta com reserva técnica, divulgação cientifica, pratica educativa, espaço expositivo, frequência a feiras e semanas de museu e ciência conta também com pesquisa [...] (PALOMINO, 2015 pág 51)

Em 2016, a equipe do MAH era coordenada pela professora Jussara Rocha Ferreira, e como diretora havia a professora Ana Lúcia Carneiro Sarmento, havia três profissionais técnicos, e três estagiários. Não foi identificado o curso que os estagiários pertenciam, levando em consideração que alunos do curso de museologia não tem autorização para exercer atividades de estágio em instituições que não tenham museóloga, nesse ano os estagiários devem ser ligados a área da saúde por conta da área de atuação da coordenadora na época. O museu também conta com o corpo técnico da Faculdade de Ciência da Saúde, que auxilia no preparo das peças e na documentação. (IMAI, 2016)

Quanto a 2017, não foram encontrados dados quanto ao corpo técnico do museu neste ano.

[15] Cartilha publicada pelo Instituto Brasileiro de Museus em 2017.
[16] Depoimento de Mariana Souza Soares, museóloga do MAH/UnB.

Quanto à equipe do museu no período de novembro de 2018 até setembro de 2020[17], o Prof. Dr. José Eduardo Baroneza explica que havia apenas dois funcionários locados no museu: a museóloga e uma estagiária. Havia também colaboradores do museu que são funcionários da faculdade de saúde e também acumulavam outras funções, sendo eles técnicos e docentes da área de anatomia. A técnica museóloga, Marianna de Souza Soares iniciou suas atividades no museu no começo do primeiro semestre de 2018, e nesse ano ficou responsável pelos alunos extensionistas e estagiários. Os estagiários eram demandados pelas disciplinas práticas obrigatórias. As disciplinas práticas do curso de Museologia da Universidade de Brasília que demandam aos alunos estagiar em instituições museais que tenham museólogos são: "estágio supervisionado I" e "estágio supervisionado II". No ano de 2018 no segundo semestre fiz parte da equipe como estagiária pela disciplina de "estágio supervisionado I". No primeiro semestre de 2019 fiz parte do projeto de extensão "Museu de Anatomia Humana e a Interação com a Sociedade". Os estagiários responsáveis pela mediação das exposições são alunos da área da saúde, levando em consideração a especificidade do conteúdo da exposição a museóloga seleciona, para ser mediador, alunos que já tenham tido êxito nas matérias de anatomia, para conseguir lidar com a densidade do conteúdo. No total naquele ano eram 69 mediadores que faziam escala de duas horas ao longo da semana.

No ano de 2020, por não haver atividade presencial, não houve estagiários das disciplinas de estágio supervisionado do Curso de Museologia e nem foram selecionados mediadores no museu. Apenas se manteve a estagiária administrativa que estava fazendo graduação de bacharelado em Farmácia. Como a dotação orçamentária é autorizada pela Direção da Faculdade de Medicina, os estagiários do MAH são muitas vezes ligados à área da saúde. Em 2020 se mantém o auxílio do corpo técnico dos docentes da Área de Morfologia da Faculdade de Medicina do MAH. A museóloga relata que os técnicos de anatomia, necropsia, e taxidermia, embora não sejam funcionários lotados no MAH, contribuem com as atividades de preparo de solução para conservação das peças, e eventualmente participam das atividades de extensão ligadas às funções que executam. Os técnicos também contribuem para a capacitação dos alunos quanto ao conteúdo das exposições, que está relacionado a anatomia humana, embriologia e fetologia. A gestora salienta para o fato de o museu ser uma instituição universitária e por isso ter a oportunidade de ter a contribuição de ótimos funcionários,

[17] Informações coletadas através de questionário respondido pelo gestor do MAH no período.

mesmo que não estejam diretamente ligados ao museu mas entendem a necessidade de um especialista, característica da interdisciplinaridade dos museus.

Recursos Financeiros:

O Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB, desde a sua concepção esteve subordinado à Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília e por isso sempre teve como procedência da sua verba a Direção da Faculdade de Medicina, que é aprovada através do Conselho de Administração (CAD) da Universidade de Brasília, com base na Lei Orçamentária Anual (LOA) e então a verba é distribuída entre as Unidades Acadêmicas. No organograma apresentado acima é possível visualizar as subordinações dentro do departamento e entender como, estando alocado dentro do Departamento de Morfologia o museu é prejudicado pela organização dentro do departamento. A verba que vai ser utilizada pelo museu tem que ser repartida com todo departamento que tem necessidades específicas e que nem sempre correspondem com a demanda do museu.

Acervo:

Marianna Soares relata que a última catalogação aconteceu em 2015, coordenada pela Profª. Drª. Jussara Rocha Ferreira e foi constatado que há 1035 objetos biológicos. Os objetos estão alocados na reserva técnica e no espaço expositivo.O levantamento das peças ocorreu entre 2012 a 2014, a organização da documentação do acervo biológico aconteceu a partir da necessidade de conhecer o acervo, torná-lo acessível e recuperável, para que o acervo gerenciado pudesse ser utilizado como fonte de pesquisa. Palomino (2015) relata que como estratégia de conservação a coordenadora fazia rodízio das peças que estavam expostas, o que era facilitado pelo tamanho do acervo, que conta com muitas peças, várias da mesma parte do corpo humano.

Imai (2016) fala em seu texto sobre as coleções de peças raras, "como malformações congênitas, variantes anatômicas e peças de difícil obtenção como fetos que vieram a óbito por morte materna". Fazer parte de uma instituição universitária que tem laboratórios e técnicos ativos possibilitou ao MAH ter um acervo importante para área da saúde de forma geral. A grande maioria dos objetos é proveniente das atividades curriculares da universidade. Porém há também, casos de peças que foram adquiridas especialmente para fazer parte do acervo museológico.

A organização do acervo é separada por tipologia. A professora Drª. Jussara Rocha Ferreira organizou o levantamento e apenas depois de realizada a organização da documentação do acervo foi possível a ordenação do acervo em categorias e subcategorias. Os objetos que foram resultado do desmembramento de cadáveres humanos, o critério de gerenciamento procurou categorizar pelos sistemas corporais ou pela região do corpo da qual a parte foi retirada. Os objetos relacionados à anatomia da criança seguem o mesmo critério dos cadáveres de indivíduos adultos. Marianna Soares, justifica o método de organização argumentando que desta forma facilita o manuseio, marcação e armazenamento. Na organização dos embriões, fetos e placentas que fazem parte do acervo, foi respeitado o critério já existente que subdividia essa coleção em tipologias: fetos normais e malformações congênitas. As categorias foram subdivididas da seguinte maneira: SE – sistema esquelético, SA – sistema articular, SM – sistema muscular, SCV – sistema cardiovascular, SR – sistema respiratório, SD – sistema digestório, SU – sistema urinário, SG – sistema genital feminino e masculino, SN – sistema nervoso, AC – anatomia da criança, FE – fetos normais e com malformação congênitas, discos placentários e embriões. A maior parte do acervo encontra-se na reserva técnica.

A museóloga também comenta sobre a aquisição de novas peças para o museu. Ela diz que a partir de 2019 a Coleção de Anatomia Artística passou a fazer parte do acervo após concluído os processos de restauração, conservação e a pesquisa foi realizada. Até o momento de finalizar essa pesquisa, não havia sido feita nova contagem das peças a fim de quantificar o número de peças que foram incorporadas ao acervo. Durante o ano de 2019, trabalhamos no diagnóstico do acervo, participei da produção de documentos, preenchendo fichas de identificação e catalogando o acervo. Trabalhamos realocando peças e ajudamos na higienização do mobiliário, que apresentava sujidades por conta dos químicos utilizados na conservação das peças.

O museu não possui política de aquisição, quanto ao descarte, as peças são descartadas quando estão muito deterioradas. Como forma de descarte o museu utiliza a incineração, as peças são guardadas até ter um montante e então entra-se em contato com a empresa de incineração para buscar o material.

Sobre os empréstimos das peças, até 2018 o museu realizava essa prática. Para fins didáticos os alunos da Faculdade de Medicina podiam pegar objetos do museu emprestado. Através de uma folha de controle o aluno deixava o nome e matrícula e solicitava as peças

desejadas, um servidor separava o material e no fim do dia recolhia. Não havia nenhum tipo de política de punição caso a peça fosse deteriorada. Devido a chance da peça ser danificada pelo manuseio incorreto, eram selecionadas para ser cedidas aos alunos as que já não estivessem em bom estado, mas nem sempre essa seleção ocorria. Atualmente a prática de empréstimo não é mais feita, o acervo museológico não está mais à disposição para empréstimos, a didática relacionada ao acervo acontece nas salas de exposição.

Quanto a pesquisas relacionadas diretamente com o museu e seu acervo, só foram encontradas informações quanto à gestão de 2019. Atualmente paradas, mas vão retornar quando for possível restabelecer as atividades presenciais, as pesquisas do museu são: estudos de público, atualização de informações sobre o acervo de peças biológicas do MAH, e as pesquisas sobre a memória institucional.

O Núcleo de Memórias da Faculdade de Medicina – NMFM/UnB, é um projeto que teve início em 2019 pela demanda da direção da Faculdade de Medicina para que houvesse a salvaguarda dos objetos utilizados no exercício da profissão do médico e do professor de medicina. O projeto foi criado com o intuito de:

> [...] que seja possível resgatar, preservar e difundir aspectos históricos da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília por meio da pesquisa de seus potenciais acervos históricos. Especificamente, fazem parte dos objetivos do NMFM recolher, organizar, tratar e difundir o acervo de objetos, promover exposições e realizar pesquisa tendo por base os acervos constituídos, visando à sua extroversão, reconhecimento e valorização da identidade institucional. (NMFM/UnB, 2021)

O acervo que compõe o NMFM/UnB é proveniente de coleta feita nos laboratórios da faculdade e doações dos membros da comunidade. O projeto gerou uma exposição virtual em comemoração ao sexagenário de Brasília - DF. Levando em consideração que a faculdade iniciou suas atividades quase que imediatamente após a cidade ser inaugurada é de total coerência que o resguardo desse material esteja associado ao sexagenário aniversário da cidade.

Exposições/Instalações:

O Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB, atualmente está alocado na Área de Morfologia do prédio da Faculdade de Medicina.

A infraestrutura física da instituição foi adaptada conforme a necessidade de acomodar o crescimento do acervo e as necessidades institucionais do museu. Foram adaptados espaços para acomodar as exposições, a secretaria, um arquivo documental, uma biblioteca, a reserva técnica que acomoda o acervo físico (peças anatômicas), e um espaço de apoio técnico que acomodava mobiliários, equipamentos e material pedagógico para exposições e atividades itinerantes. (PALOMINO, 2015)

No ano de 2015 o museu contava com três exposições, sendo duas de longa duração e uma de curta duração. A exposição de curta duração iniciou em maio de 2015 e foi até maio de 2016. As exposições de longa duração, tinham a narrativa relacionada à pesquisa do professor responsável pela sala expositiva. A primeira, intitulada "Museu de Anatomia Humana da UnB e a Interação com a Sociedade", fazia parte dos projetos e Programas de Extensão e Ação Continua – PEAC, coordenado pela Professora Drª. Ana Lucia Carneiro Sarmento. (PALOMINO, 2015)

Exposição: "Educação em Saúde e Cidadania"
Fonte: Palomino, 2015.

A segunda exposição de longa duração era intitulada "Educação em Saúde e Cidadania", também é vinculada ao PEAC e estava sob a coordenação da Professora Drª. Jussara Rocha Ferreira. (PALOMINO, 2015)

Exposição "Educação em Saúde e Cidadania"
Fonte: Palomino, 2015

No mesmo ano, o museu exibe a exposição "Corpos Tetralógicos, Corpos Biológicos e Monstros". Essa exposição foi uma produção colaborativa entre o MAH e o Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica do Instituto Mukharaji Brasilian. O acervo exposto contava com fetos com defeitos genéticos e malformados. (PALOMINO, 2015)

O museu utilizava a sala que, antes de fazer parte do museu, era o freezer e armazenava a câmara fria para conservação do material didático da Faculdade de Saúde como espaço expositivo e local de reflexão. Nessa sala havia uma vitrine e painéis criando questionamentos entre religião, espiritualidade, filosofia e medicina. Segundo Palomino (2015), havia na sala um antigo microscópio e um cadáver embalsamado.

Por não ter conseguido contato com a gestora no ano de 2017 e nem encontrar nenhuma publicação sobre o período, não foram encontradas informações quanto às atividades do museu no período.

No ano de 2018[18], a estrutura física do museu se manteve a mesma dos anos anteriores acima descrito. Nesse ano ocorreram quatro exposições e uma oficina na instituição. A primeira "Museu de Anatomia Humana: Ciência, Arte e Inclusão Na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia", em que o MAH elaborou projetos voltados para inclusão com foco em educação, saúde e cidadania. Com exposições interativas e atividades educativa, trabalhando com os órgãos dos sentidos. A museóloga da instituição fala que, o objetivo da ação foi

[18] Levantamento de dados feito pela museóloga, apesar de não ser a coordenadora da instituição no período.

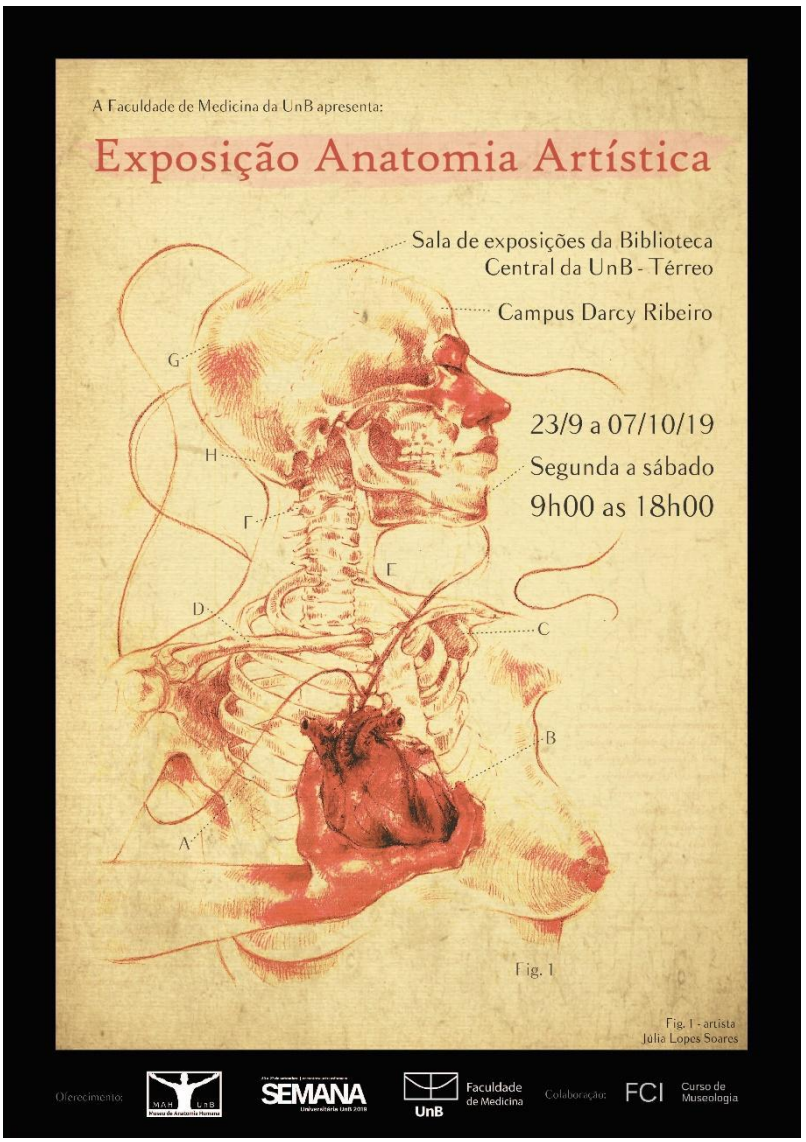
explorar diversas possibilidades de ensinar anatomia humana, tornando o aprendizado acessível a todos os visitantes. A segunda exposição, "Plastinação[19]: Uma Realidade Alcançada" aborda a técnica de plastinação. O objetivo era despertar curiosidade acerca de técnicas inovadoras de conservação de tecidos biológicos. A terceira exposição do ano de 2018, chamava-se "Mesentério[20] – Cinco Séculos de Ilustrações e Conhecimento Científico", nessa exposição foram expostos imagens e ilustrações feitas em estudos de mesentérios, desde o século XV até a atualidade. E a quarta exposição foi a de "Anatomia Artística", exposição de desenhos anatômicos em retábulos, de modo a possibilitar a percepção do corpo sob o olhar do artista. E como atividade, o museu teve uma oficina de taxidermia.

No ano de 2019, o espaço passou por reformulação. Segundo informações que a museóloga disponibilizou via questionário, a concepção atual do Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília – MAH/UnB se formou após a criação de um grupo de trabalho com professores para a organização de uma exposição englobada, de forma a contemplar de forma integrada os conteúdos e assim extinguir as salas dispersas direcionadas a diferentes projetos e sem integração na narrativa. De forma democrática a reformulação do MAH foi decidida pela equipe e o museu passou por reorganização do mobiliário da Reserva Técnica, o espaço expositivo foi climatizado, foram adquiridos equipamentos para armazenar a coleção. Normas de visitação foram criadas. E as exposições passaram a ser pensadas para ter melhor fruição, utilizando o espaço expositivo de forma integrada, e não mais com exposições avulsas, depois de decidido o novo roteiro das exposições a área expositiva foi reformulada com um novo *loyout*.

Novo loyout do MAH
Fonte: Acervo da Instituição

[19] Método de conservação em glicerina
[20] Camada dupla da membrana que reveste o abdômen e liga a sua parte posterior ao intestino. Fonte: miséndério In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: https://www.dicio.com.br/mesenterio/ ultimo acesso em: 11/05/2021

Nesse ano o museu organizou quatro exposições. A primeira foi a exposição “Museu de Anatomia Humana”. Foi nessa exposição que o museu mostrou a nova disposição de longa duração, apresentando peças anatômicas de embriões, fetos, humanos adultos preparados por diversas técnicas, que permitem compreender a organização do corpo humano desde o desenvolvimento pré-natal até a vida adulta. Em 2019 o museu também organizou a exposição “Museu de Anatomia Humana da UnB – Técnicas e Tecnologias Em Museu Universitário De Ciência” foi uma exposição montada para a edição de 2019 da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – Bioeconomia: Diversidade e Riqueza para o desenvolvimento Sustentável. O MAH ofereceu para os visitantes, atividades de divulgação científica voltadas para educação em saúde e cidadania relacionados a técnicas e tecnologias em anatomia. A terceira exposição foi “Técnicas Anatômicas”, em que foi apresentado técnicas anatômicas como: plastinação, emblocamento, gliceração, diafanização, injeção, corrosão, criodesidratação, neutro técnica (Mulligan), osteotécnica, taxidermia, descalcificação. Essas técnicas foram utilizadas em órgãos/estruturas humanas ou de animais, e até mesmo em animais inteiros de pequeno porte. Nesse ano o museu também realizou a exposição itinerante “Acervo de Anatomia Artística do Museu de Anatomia Humana UnB”. A exposição foi realizada na Biblioteca Central da UnB com obras inéditas adquiridas a partir de 2018. As obras foram produzidas durante anos na disciplina de Anatomia Artística da Universidade de Brasília – UnB, que se dedica, entre outros aspectos, ao estudo de desenhos da figura humana. Nesta mostra foram expostos trabalhos de professores e alunos.



Pôster exposição MAH 2019
Fonte: acervo MAH

No ano de 2020, para as comemorações da Faculdade de Medicina nos 60 anos de Brasília a museóloga informou que a Direção e o Núcleo de Memória da Faculdade de Medicina da UnB (NMFM/UnB), no âmbito Edital do Programa Especial "UnB nos 60 anos de Brasília", do Decanato de Extensão da UnB (DEX/UnB) organizaram uma Iniciativa Institucional. A Faculdade de Medicina fez uma proposta pensando em uma maneira que registrasse a memória de indivíduos que fizeram parte da história da faculdade. Por conta da necessidade de distanciamento social como forma de prevenção ao Covid-19 as atividades ocorreram no âmbito virtual, o MAH apresentou sua proposta em seu site institucional[21]. Foi feito um resgate histórico que se propõe a valorizar a identidade institucional. As atividades geraram um álbum de fotos intitulado "Memórias FM". O objetivo é partilhar histórias e

[21] Disponível em: http://www.fm.unb.br/extensao/memoria-fm último acesso em: 09/05/2021

experiências de indivíduos da faculdade nos últimos anos. Foi feita entrevista virtual com funcionários e ex-funcionários da FM, foi apresentado os primeiros resultados da pesquisa de objetos do Núcleo de Memória da Faculdade de Medicina.

Atividades Públicas

Não foi localizado o horário de visita nos anos 2015, 2016 e 2017. Nos anos de 2018 a 2020, através do questionário foi coletada a informação de que o atendimento ao público ocorre: às segundas, das 14h00 às 17h00; terça-feira a sexta-feira, das 9h00 às 12h e de 14h00 às 17h00. Segunda-feira pela manhã é fechado ao público para que seja feita a limpeza, e nos finais de semana o museu permanece fechado.

A entrada é gratuita a todos.

Quanto à pesquisa de público, apenas obtive dados dos questionários respondidos. As publicações referentes ao MAH utilizadas nessa pesquisa (PALOMINO, 2015; IMAI, 2016) identificam que a tipologia de público é prevalentemente de estudantes, mas em nenhuma publicação havia informações de caráter quantitativo. Nos questionários, o coordenador do museu durante o ano de 2018 a 2020 estimou que a quantidade de visitantes anual do museu seja "1.000". No questionário respondido pela museóloga, Marianna Soares foi apresentada uma tabela na qual apresenta a relação de visitantes ao museu por semestre e identificando a quantidade de público agendado e quantas visitas foram espontâneas Sendo assim temos a informação de que no primeiro semestre de 2018 houve 3123 visitas agendadas, 317 visitas espontâneas, no segundo semestre foram 3284 visitas agendadas e 389 visitas espontâneas. Totalizando 6407 naquele ano, quanto ao ano de 2019 houve 3450 de visitas agendadas e 537 visitas espontâneas, no primeiro semestre e 3164 visitas agendadas e 313 visitas espontâneas no segundo semestre, totalizando assim 7464 visitas em 2019.

A partir de 2019, quando um grupo solicita agendar visita, a instituição encaminha formulário onde há perguntas de cunho técnico, como por exemplo qual a quantidade de pessoas no grupo visitante e a qual região pertenciam. E também existem questões subjetivas, a fim de ter controle qualitativo das visitas, em que é questionado ao visitante qual a expectativa quanto ao conteúdo. Levando em consideração que a maior parte do público é composta por estudantes, o levantamento das expectativas do grupo antes da visita proporciona que a visita guiada seja direcionada pelo interesse do grupo e o aproveitamento do conteúdo seja melhor.

Considerações Finais:

O MAH, por seu vínculo com a universidade, tem ônus e bônus. O seu acervo é abrangente por conta da sua relação com os laboratórios da instituição. O que causava uma relação de ambiguidade, já que os integrantes da universidade tinham liberdade de requisitar o acervo sem muitos critérios. Problema que pode ser identificado por instituições com frequente mudança de gestores e sem um corpo técnico adequado. Durante mais de 40 anos o acervo do museu e a administração do museu esteve à disposição de docentes, que apesar de terem afinidade com o campo museológico não tinham o saber técnico. É de grande importância a relação dos coordenadores com com o processo museológico como um todo, e a comunicação museológica coerente é o reflexo de uma gestão atuante. Cury (2005), diz

> Sistema de comunicação museológica, então, é o conjunto teórico, procedimentos metodológicos, infraestrutura, recursos humanos e materiais, técnicas, tecnologias, políticas, informações e experiências necessários para o desenvolvimento de processos de comunicação de conhecimento por meio de exposições e ações educativas. Ainda, a exposição e a ação educativa como produtos do sistema em operação e a recepção do público. (CURY, 2005 pág 67)

Feitas as análises é possível observar quais mudanças ocorreram no museu desde a chegada da técnica museóloga na instituição. Respaldada pelo Estatuto de Museus, realizou diagnóstico museológico, o que a possibilitou ter do estado da arte do acervo, do prédio e dos documentos.

A chegada da museóloga à instituição também foi muito rica ao curso de museologia, uma vez que o Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília, não estava apto a receber estudantes do Curso de Museologia por não ter em seu corpo de funcionários museólogo. As atividades de extensão e o estágio proporcionados pelo acervo e pela estrutura do museu são grande referência para o embasamento teórico do Curso de Museologia da Universidade de Brasília.

É possível observar nas gestões anteriores a museóloga que tem-se a percepção que as ações em museus são atividades pontuais. O último levantamento do acervo é datado de 2015, o plano museológico está incoerente e mesmo assim não é editado a mais de cinco anos também. Cândido (2013) Salienta para a importância de se ter sempre um olhar ativo a instituição museológica quando diz:

> Analisar a dinâmica dos museus é compreendê-los como processo. Por pouco ortodoxo que pareça, e malgrado a definição do ICOM de que museus são "instituições permanentes", a realidade mostra que como processo estes não apenas se desenvolvem, integram novas metodologias, ressignificam-se, reatualizam-se conceitualmente e em relação com a sociedade (CANDIDO, 2013 pág 142)

Quando responsável por uma instituição museológica é preciso entender a fluidez dos processos que ocorrem na mesma. Museus são instituições dinâmicas e cheias de desafios, porém com técnica, organização e ética é possível usar o potencial interdisciplinar e agregador da instituição como transformador social.

Referências:

ALMEIDA, Adriana Mortara. Museus e coleções universitários: por que museus de arte na Universidade de São Paulo? 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo,2001.

ALVARES, Lillian Maria Araújo de Rezende. Graduação em Museologia: significados, opções e perspectivas. In: Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 1, n. 1, p.236-250, 2012.

BAHGLI, S.-A.; BOYLAN, P. J.; HERREMAN, Y. History of ICOM (1946-1996). Paris: ICOM, 1998.

BRUNO, Maria Cristina O. Museologia e Museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados. In: *XIII Encontro Nacional Museologia e Autarquias* – a Qualidade em Museus, Lisboa: Universidade Lusófana de Humanidades e Tecnologias, 2006a.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Gestão de Museus, um Desafio Contemporâneo: Diagnóstico Museológico e Planejamento. 1.ª ed. Porto Alegre: conselho Mediatriz, 2013.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Os museus e o patrimônio histórico: uma relação complexa. História, São Paulo, v. 27, p. 12-140, 2009.

CABRAL, Magaly. Parceria em Educação e Museus. In: O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2004.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Ensaio sobre modelos de gestão Aplicados às Instituições Museológicas. 2017

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

CURY, Marília Xavier. A importância das coisas: Museologia e Museus no mundo contemporâneo. In: Um século de conhecimento[S.l: s.n.], 2011.

CHIAVENATO, Idalberto. Introdução a Teoria Geral da Administração. Elsevier, 2004.

FÉRNANDEZ, L. A. *Museologia: introducción a la teoria y prática del museo.* Madrid, Istmo, 1993.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. O direito à memória: a Museologia brasileira e seu novo marco regulatório. II ENCONTRO INTERNACIONAL DE DIREITOS CULTURAL, 2013.

GIL, F. B. Museus universitários: sua especialidade no âmbito da museologia. In: SEMEDO, A.; SILVA, A. C. F. da. Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: homenagem a Fernando Bragança Gil. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. Caderno de Diretrizes Museológicas. Brasília, IPHAN, 2002.

JÚNIOR, José do Nascimento; CHAGAS, Mário. Museus e Política: Apontamentos de uma cartografia. Caderno de Diretrizes Museológicas. Brasília, IPHAN, 2002.

MASON, Timothy Gestão Museológica: Desafios e Práticas / Timothy Mason. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo : British Council : [Fundação] Vitae, 2004.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN. In: _____. (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

RÚSIO GUARNIERI, Waldisia. Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (coord.). Waldisia Rúsio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria do Estado da Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Os museus e seus públicos invisíveis. Departamento de Museus do Iphan e Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, Mariza Velloso Motta. Nasce a academia SPHAN. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n. 24, 1996.

SZAZI, Eduardo. Terceiro Setor: regulação no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2001.

SILVA, Marcia Rocha. Texto: Popularização do conhecimento científico: Estudo de caso no Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília. Ano 2004. Brasília/DF

PLANO ORIENTADOR UNIVERISDADE DE BRASÍLIA, 1962

TOLENTINO, Átila Bezerra. Políticas públicas para museus: o suporte legal no ordenamento jurídico brasileiro. Revista CPC, São Paulo, n.4, p.72-86, maio/out. 2007

RIBEIRO, Darcy. 1961 - 1995: a invenção da Universidade de Brasília. Senado Federal. 1995.

PALOMINO, Amália Chaves. Museus universitários: uma análise do Museu de Geociência e Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília. 2015. 70 f., il. Monografia (Bacharelado em Museologia) Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2015.

IMAI, Mônica Fumiko. Coleções museológicas da Universidade de Brasília: Identificação e descrição da gestão. 2016. 110 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

RIBEIRO, Adelia Miglievich-. Darcy Ribeiro e UnB: Intelectuais, projeto e missão. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.25, n. 96, p. 585-608, jul/set. 2017.

GOMES, Candido Alberto. Darcy Ribeiro. – Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. Recife, 2010.

KUNIYOSHI, Celina; REZENDE Lorenna Cardoso; GALINDO, Yolanda Pacheco; FERREIRA Jussara Rocha. Gestão da Memória – Diálogos sobre políticas de informação, documentos e comunicação para a Universidade de Brasília". Editora UnB. Ano de 2014. Brasília/DF.

ALVES, Elioenai D. A Fundação Universidade de Brasília e o nascimento da revista Gestão e Saúde. Rev. G&S [Internet]. 18º de agosto de 2017 [citado 3º de maio de 2021];5(1): pag. 12-16. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/403 último acesso em 03/05/2021

Documentos

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº. 20.303, de 02 de janeiro de 1946. Aprova o Regimento da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro/Capital Federal, 1946

BRASIL. Decreto nº 500, de 15 de janeiro de 1962. Institui a Fundação Universidade de Brasília. Diário Oficial do Distrito Federal, Brasília, DF, 15 jan. 1962.

BRASIL. Lei n° 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm1 último acesso em: 02/05/2021

Apêndices:

Apêndice A – Este questionário foi produzido usando como referência o questionário de Adriana Mortara Almeida em sua tese de doutorado. *Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?* São Paulo, 2001. E o questionário utilizado por Manuelina Maria Duarte Cândico em seu livro *Gestão de Museus, Diagnóstico Museológico e Planejamento Um Desafio Contemporâneo.* Porto Alegre, 2013.

Levantamento de dados
Questionário

O presente questionário tem por finalidade coletar dados do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB. A coleta desses dados me ajudará na minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso sobre gestão museológica.
Obrigada, Desiree Calvis.

Caracterização:

1. Designação oficial:
2. Endereço:
3. Ano de fundação:
4. Instituição mantenedora:
5. Unidade da universidade a qual pertence:
6. O museu tem regimento? Data:
7. Essa instituição já realizou diagnóstico museológico?
   ( )sim ( ) não
   Em caso afirmativo, quando e como foi realizado? Quem foi (foram) o (s) responsável (eis)?
8. Possui plano museológico?
   ( ) sim ( ) não
   Em caso afirmativo, quando e como foi idealizado? Quem foi (foram) o (s) responsável (eis)?
9. A instituição já tomou conhecimento do Estatuto de Museus?
   ( ) sim ( ) não
10. A instituição já estudou/discutiu o Estatuto de Museus?
    Em caso afirmativo, descreva como e quando ocorreu?
11. Breve histórico do museu:
12. Objetivos institucionais:
13. Qual a área cultural/científica é abrangida pelo museu?
14. Qual a relação do museu com os departamentos afins?

Recursos Humanos:

Questionário. Parte 1/4

15. Responsável pelo museu ou pela coleção:

16. Qual é a estrutura científica? Como é o organograma do museu?

17. Há funcionários contratados exclusivamente para atender ao público? Quantos? Em que funções?

18. Número de funcionários:
pessoal técnico / científico:
pessoal administrativo:
outros: _____
total:

19. São utilizados serviços de terceiros? Quais?

20. O museu tem estagiários? Em que áreas? Quantos?
Observações:

Recursos Financeiros:

21. O museu tem verbas próprias anuais?

22. Qual a procedência das verbas?

23. Como são constituídas as coleções?

Instalações:

24. As instalações são:
( ) próprias
( ) cedidas
( ) em construção

25. Quais são suas principais características?

26. Como está distribuído o espaço entre recepção, área científica, área administrativa, área de exposição, reserva, biblioteca, auditório, etc? (se possível anexar planta)

27. Há instalações / salas exclusivas para atendimento ao público? Com que tipo de equipamento?

28. Nos últimos dez anos a instituição passou por grandes mudanças no espaço físico?
( ) sim ( ) não
Em caso de resposta afirmativa, dê um breve relato falando sobre reorganizações no espaço físico da instituição.

Questionário. Parte 2/4

Acervo

29. Qual a natureza das coleções e quantidade?
30. Há profissionais de documentação? Quantos?
31. Há profissionais de conservação / restauração? Quantos?
32. Há algum setor técnico especifico para este tipo de museu? Qual?
33. A coleção está catalogada / documentada?
34. Há politica de aquisição e descarte?
35. O museu realiza empréstimo de acervo?

    ( ) sim ( ) não

    Em caso de resposta afirmativa, existe documentação para controle?
36. As coleções estão sendo pesquisadas?

    ( ) sim ( ) não

    Por pesquisadores:

    ( ) do museu ( ) da unidade

    ( ) de outras unidades da universidade ( ) de fora da universidade
37. Quais os temas de pesquisa?

Atividades Públicas

38. Qual é o horário de trabalho?
39. Qual é o horário de visitas para o público?
40. Há biblioteca no museu? Qual a área de especialização e o número de volumes da biblioteca?
41. Quais as publicações e edições do museu?
42. Há exposição permanente / longa duração? Temática:
43. Organizam-se exposições temporárias? Qual o tema e duração das duas últimas?
44. Oferece programas para o público escolar? Quais?
45. Oferece cursos de extensão, graduação, outros?

    ( ) sim ( ) não

    Em caso de resposta afirmativa, quais cursos ocorreram na instituição entre os anos de 2010 a 2020?
46. Quais os outros programas oferecidos ao público?

Questionário. Parte 3/4

47. Quais os tipos de públicos que frequentam o museu?

48. Qual a frequência aproximada de visitantes (anual)? Se possível apresentar a contagem de público entre os anos de 2010 a 2020.

Observações:

Local: Data:

Nome e cargo do respondente:

Muito obrigada! Favor enviar para Desiree Calvis.

e-mail: desiree.calvis@live.com / celular: (61) 99913-1993

Questionário. Parte 4/4

Apêndice B – Fotografias do espaço físico do Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília – MAH/UnB no primeiro semestre de 2015. Imagens produzidas por Amalia Chaves Palomino para produção do seu trabalho de conclusão de curso *Museus Universitários: Uma análise do Museu de Geociências e Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília.* Brasília, 2015. Referente ao ano de 2016 as imagens são de Mônica Fumiko Imai para produção do seu trabalho de conclusão de curso: *Coleções museológicas da Universidade de Brasília: Identificação e descrição da gestão.* Brasília, 2016. As imagens referentes a 2019 e 2020 pertencem ao acervo do MAH/UnB.

Sala expositiva do MAH em 2015
Fonte: Palomino, 2015

Sala expositiva do MAH em 2015
Fonte: Palomino, 20

Entrada do MAH/UnB em 2019
Fonte: acervo do MAH

Sala de exposição temporária MAH/UnB 2019
Fonte: acervo do museu

Anexo

Anexo A: Formulários elaborados pela instituição para controle quantitativo e qualitativo de público. Documentos disponíveis no site[22] da instituição.

Faculdade de Medicina – Área de Morfologia

MAH UnB
Museu de Anatomia Humana

PRÉ-VISITA

MUSEU DE ANATOMIA HUMANA DA UNB
PREENCHIMENTO DO (A) PROFESSOR (A) RESPONSÁVEL

Prezado (a) professor, esse formulário deverá será preenchido apenas após confirmação de data da visita com a equipe do Museu de Anatomia Humana pelo mahunb@gmail.com As marcações são feitas conforme disponibilidade na agenda.
Pedimos que preencha todos os campos no próprio computador para que a equipe possa conhecer o perfil dos alunos e expectativas e interesses em relação à visita, e após preenchimento encaminhe para mahunb@gmail.com

Nome da Instituição:

Região:

Bairro:

Cidade:

Data da visita:

Horário da visita:

Turno: ( ) manhã ( ) tarde

Características da Instituição: ( )pública ( )privada ( ) ONG
( ) outros _____

Nome completo do professor responsável:

Número previsto de alunos:

Número previsto de acompanhantes:

Total alunos + acompanhantes:

Ano escolar: ( )ensino fundamental ( )ensino médio ( )ensino superior ( ) ensino técnico
( ) outros _____

Idade média dos alunos:

( ) até 17 anos
( ) de 18 a 24 anos
( ) de 25 a 35 anos
( ) de 36 a 50 anos
( ) a partir de 51 anos

Outras informações sobre o grupo de alunos que considere relevantes:

Formulário pré-visita. Parte 1/2

[22]Sitio do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. Disponível em: http://www.mah.fm.unb.br/formularios último acesso em: 10/05/2021

Registre no espaço suas pesquisas, questões, sugestões, intenções, expectativas e conhecimentos prévios levantados por você e seus alunos em sala de aula:
Dados para contato com professor (a): Telefone escola: Endereço: Telefone pessoal do (a) professor (a) acompanhante (celular): E-mail:
Data do preenchimento://
Responsável pelo preenchimento:

Fim do documento

Formulário pré-visita. Parte 2/2

Faculdade de Medicina – Área de Morfologia

MAH UnB

Museu de Anatomia Humana

PÓS-VISITA

MUSEU DE ANATOMIA HUMANA DA UNB
PREENCHIMENTO DO (A) PROFESSOR (A) RESPONSÁVEL

Prezado (a) professor, esse formulário deverá será preenchido após realização da sua visita no Museu de Anatomia Humana e enviado em até uma semana. Essa é uma pesquisa de opinião, se possível, pedimos que converse com seus alunos para respondê-lo. Com base nos dados coletados poderemos saber o que devemos melhorar e o que tem gerado bons resultados. A opinião de vocês é muito importante, por isso pedimos que preencham todos os campos.

Após preenchimento no próprio computador encaminhe para mahunb@gmail.com

Instituição:
Data da visita:

PESQUISA DE OPINIÃO – RESPOSTAS DO (A) PROFESSOR (A) RESPONSÁVEL			
	Muito satisfeito	Satisfeito	Pode melhorar
Processo de agendamento da visita			
Retorno das solicitações feitas antes da visita			
Roteiro de visitação			
Acolhimento dos alunos			

Formulário pós-visita. Parte 1/3

Atendimento dos monitores – cordialidade			
Limpeza e organização do ambiente			
Atendimento dos monitores – domínio do conteúdo			
Acessibilidade física para acesso ao Museu			
Adequação da infraestrutura para recebimento dos alunos			
Encerramento da visita			
Infraestrutura: estacionamento, sinalização (para/do e no espaço), banheiros, bebedouros			
Atendimento de suas expectativas até o momento			

Qual sua avaliação geral da visita?
Sentiu falta de alguma informação ou serviço?
Sugestões comentários:
Avaliador:

PREENCHIMENTO EQUIPE MUSEU
1- Monitores responsáveis pela visita:
Número de alunos que vieram à visita:

Formulário pós-visita. Parte 2/3

Número de acompanhantes que vieram:

Horário de chegada:

Horário de saída:

Formulário pós-visita. Parte 3/3